



O FUNK ENQUANTO FERRAMENTA PARA O ENSINO DE MÚSICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO CONTEXTO DO PROGRAMA PIBID

Raquel Gonçalves Pereira ¹

Roberta Ravaglio Gagno ²

Jean Felipe Pscheidt ³

Daniele Martinez de Oliveira Coelho ⁴

RESUMO

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) tem como objetivo proporcionar vínculo entre estudantes da licenciatura e as experiências em salas de aula da rede pública. Nesse sentido, além de observações e anotações, os bolsistas participam auxiliando as aulas da professora supervisora, interagindo com os alunos, planejando suas próprias regências e desenvolvendo materiais didáticos para a escola. Sendo uma estudante de Licenciatura em Música da Universidade Estadual do Paraná - Campus Curitiba I (EMBAP) e bolsista do PIBID, foi possível observar alguns desafios que aparecem no ambiente escolar, como as diferentes estratégias para envolver os estudantes em sala de aula de uma escola na região periférica de Curitiba/PR. Percebendo a relação dos alunos do quarto ano com o Funk, constantemente batucando e cantando seu ritmo, e a carência em discutir sobre o gênero dentro do contexto de Educação Básica, foi desenvolvido um trabalho com o objetivo de utilizar o Funk enquanto ferramenta para o ensino da música a partir de estratégias e reflexões contextualizadas. Este trabalho se justifica visando contribuir com uma visão prática de como abordar o gênero em sala de aula. A metodologia usada é a da pesquisa-ação, que consiste em realizar uma atividade em que os pesquisadores e os participantes estejam envolvidos de modo cooperativo. O texto está dividido em duas partes: a primeira corresponde a um levantamento bibliográfico dos aspectos pedagógicos, sociais e musicais que cercam o Funk tendo como aporte teórico autores como Gabril (2021), Rosa (2018) e Oliveira (2017) e, em seguida, uma avaliação diagnóstica do planejamento desenvolvido em três aulas com a turma. Como resultados, observou-se um engajamento positivo dos estudantes e a compreensão da cultura brasileira contestando o preconceito em torno do gênero.

Palavras-chave: Ensino de música, Funk, Educação básica.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Música da Universidade Estadual do Paraná Campus Curitiba I - UNESPAR/EMBAP, goncalvesraquel25@gmail.com;

² Doutora em Políticas e Gestão Educacional, Mestre em Políticas e Gestão Educacional pela UTP -PR, Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Tuiuti do Paraná - PR, Coordenadora do subprojeto de Música no PIBID da UNESPAR - Campus Curitiba I, roberta.ravaglio@unespar.edu.br ;

³ Doutor em Música pela Universidade Federal do Paraná - UFPR. Professor adjunto na UNESPAR Campus I - Embap, jean.pscheidt@unespar.edu.br;

⁴ Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Paraná (UFPR); Mestra em Educação pela UFPR; Licenciada em Música (UNESPAR - Campus Curitiba II); Supervisora de Música no PIBID da UNESPAR - Campus Curitiba I, danielemartinez@ufpr.br.





INTRODUÇÃO

Como política pública de formação docente, o PIBID⁵ estabelece a articulação entre a formação acadêmica na Licenciatura e a prática pedagógica em escolas da rede pública. Dessa forma, enquanto bolsista do programa e estudante de Licenciatura em Música da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) Campus Curitiba I - Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP), foram realizadas observações e anotações acerca do cotidiano de uma escola na região periférica de Curitiba/PR.

Ao acompanhar as turmas do segundo e quarto ano do Ensino Fundamental I com a presença de mais quatro colegas bolsistas, auxiliamos a aula da professora supervisora com registros no quadro, separação dos cadernos da turma e organização dos estudantes. As interações com os educandos variam, são abraços de boas-vindas, entrega de bilhetes com desenhos feitos por eles, relatos de seu cotidiano e resolução de eventuais situações, como acompanhar um aluno até a secretaria que apresentou perda de controle urinário em sala de aula ou levar um estudante para o banheiro extrair um dente de leite que já estava quase caindo.

Além disso, quando não estamos presentes em sala de aula, ficamos perto da biblioteca da escola desenvolvendo materiais didáticos para o uso da instituição, como, por exemplo, jogo da memória com instrumentos de orquestra e um quebra-cabeça com os rostos de compositores como Johann Sebastian Bach (1685-1750), Ludwig Van Beethoven (1770-1827) e Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791).

Durante esse período de adaptação ao ambiente escolar, um aspecto que se destacou foram as diferentes estratégias para envolver os estudantes em sala de aula. A professora supervisora frequentemente utiliza recursos visuais e sonoros para complementar a explicação, questiona os estudantes sobre o conteúdo, instigando sua participação e propõe atividades que estimulam o senso de coletividade, criatividade e racionalidade.

Assim, para planejar a regência como bolsista visando uma estratégia que envolvesse a turma, percebeu-se a presença do Funk no convívio dos estudantes do quarto ano, que constantemente cantavam e batucavam seu ritmo. Nesse sentido, considerou-se essencial

⁵ Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).





incorporar ao contexto da sala de aula as vivências dos estudantes que são influenciados pelo gênero Funk, reconhecendo suas batidas, artistas e referências culturais (GABRIL, 2021).

Diante de um cenário em que a educação musical ainda é fortemente pautada por um cânone eurocêntrico (BATISTA, 2018), a inserção do Funk no ambiente escolar configura-se como uma ação pedagógica que confronta lógicas excludentes, valorizando práticas e saberes provenientes de territórios historicamente marginalizados. Conforme os estudos sobre Funk e o ensino de música evidenciam a resistência de educadores em abordar o gênero em suas aulas (ROSA, 2018), este trabalho se justifica visando contribuir com um olhar prático sobre como explorar o Funk em sala de aula por meio de estratégias e reflexões contextualizadas.

Tendo em vista esse aspecto, o objetivo geral desta pesquisa é investigar possibilidades de utilização do Funk como ferramenta pedagógica para o ensino de música em uma turma do quarto ano do Ensino Fundamental I de uma escola pública na periferia de Curitiba/PR. E como objetivos específicos: Realizar uma revisão bibliográfica acerca do gênero Funk nas escolas; Planejar as atividades para a turma do quarto ano do Ensino Fundamental I; Aplicar a aula planejada com a turma selecionada. O método utilizado é a pesquisa-ação que tem por definição a resolução de um problema coletivo em que os pesquisadores e participantes representativos da situação estão envolvidos de modo cooperativo (THIOLLENT, 1986).

Nesse sentido, foram planejadas e aplicadas três aulas utilizando o Funk como ferramenta pedagógica em uma escola pública de Curitiba/PR. Para esse texto, serão apresentados os resultados da primeira aula. O contexto escolhido é uma turma do quarto ano do ensino básico que participa do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência em 2025. O trabalho está dividido em: levantamento bibliográfico dos aspectos pedagógicos, sociais e musicais que cercam o Funk tendo como aporte teórico autores como Gabriel (2021), Rosa (2018) e Oliveira (2017); em seguida, uma avaliação diagnóstica sobre a presença do Funk no contexto estudado seguido de revisão bibliográfica e elaboração das atividades considerando o modelo CLASP⁶ (SWANWICK, 1998) e a abordagem pedagógica de Carl Orff que une música ao movimento. Como resultados, observou-se um engajamento positivo

⁶ C(L)A(S)P, ou em português (T)EC(L)A, destaca as principais características do fazer musical, sendo as esferas da composição, execução e apreciação centrais para o aprendizado e os estudos de técnica e literatura como secundários entre parênteses





dos estudantes demonstrando que o Funk pode ser utilizado como uma ferramenta para o ensino da música, proporcionando um contato entre a escola e a realidade dos educandos.

METODOLOGIA

O presente trabalho adotou como abordagem metodológica a pesquisa-ação que pressupõe a intervenção ativa do pesquisador na realidade investigada, promovendo uma relação cooperativa com os participantes (THIOLLENT, 1986).

Nessa perspectiva, a investigação foi desenvolvida em três etapas: em primeiro lugar, realizou-se uma revisão bibliográfica sobre o Funk enquanto fenômeno pedagógico, social e musical que abordam: a conexão da escola com a realidade dos estudantes (LICASALIO, 2022), a deslegitimação e os tensionamentos sociais que o Funk carrega (FERREIRA, 2016; TROTTA, 2016; COUTINHO, 2021) e as características do gênero e seus diferentes usos em aulas de música na educação básica (GABRIL, 2021; ROSA, 2018; OLIVEIRA, 2017). Essa etapa beneficiou o primeiro objetivo específico que consistiu na revisão do gênero nas escolas. O planejamento das aulas foi realizado considerando inicialmente um diagnóstico realizado sobre a presença do Funk no contexto estudado, a leitura de artigos sobre o tema da pesquisa, bem como a consulta de materiais didáticos levando em consideração as orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o currículo da disciplina de Arte do quarto ano.

As aulas foram estruturadas com base na abordagem de Carl Orff e no modelo C(L)A) (S)P (SWANWICK, 1998; FRANÇA 2013), tendo como modalidades do fazer musical a apreciação, a performance e a composição. Por fim, a aplicação das atividades foi gravada preservando o anonimato dos alunos e professores participantes da pesquisa, permitindo uma análise qualitativa dos dados. A pesquisa foi conduzida em uma escola da Rede Municipal de Ensino de Curitiba/PR, com estudantes do quarto ano do Ensino Fundamental I, os quais têm entre 9 a 10 anos.

O PIBID E SUA TRAJETÓRIA NA UNESPAR





O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) foi proposto no ano de 2007 pelo Ministério da Educação (MEC) e desenvolvido pela Diretoria de Formação de Professores da Educação Básica, um órgão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Dentre os objetivos do PIBID, podemos citar ao menos um, que é o de inserir o estudante de Licenciatura no cotidiano das escolas da rede pública de ensino e, com isso, oportuniza espaços para participação em experiências tecnológicas, metodológicas e práticas docentes.

Nesse ínterim, o Projeto de Música, participante no ciclo/edital do PIBID de 2024 a 2026, atende perfeitamente ao que apregoa o edital e os objetivos desse importante programa. Sobre a trajetória do PIBID na UNESPAR, Ana Carolina Krawczyk *et al.* (2020, p. 47) afirmam:

No âmbito da Universidade Estadual do Paraná (Unespar) os Programas Institucionais de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) e Residência Pedagógica (RP) caracterizaram-se até o presente momento, em especial no edital de 2018-2020, por organizar ações educativas que agregaram qualidade ao currículo formativo do licenciando. Os programas, por sua origem, são sustentados pela concessão de bolsas, feitas a partir da Diretoria de Educação Básica Presencial (DEB), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Além da formação específica da área, a concessão de bolsas auxilia em um importante aspecto que assola os cursos de Licenciaturas na atualidade, como a evasão por falta de condições financeiras para a continuidade e término do Ensino Superior. O apoio financeiro gerado pela bolsa permite que os estudantes tenham tempo de qualidade para dedicar-se à sua formação enquanto futuros docentes.

Nas relações estabelecidas por meio do Pibid, o estudante de Licenciatura tem a probabilidade de participar de uma interferência efetiva e intencional na realidade educacional por meio do processo de ensino-aprendizagem. É possibilitado compreender sobre a complexidade da prática institucional e das ações que dela derivam, como antecipação e preparo para sua inserção profissional.

Além de adquirir condições para, não só enfrentar as exigências do mundo atual, contemporâneo, mas atuar nele construindo-o de forma mais justa e humana, sem desvincular sua intenção da natureza pedagógica da atividade do professor, um trabalho intencional de formação humana diretamente relacionado a compromissos éticos, valores, escolhas.





A profissão docente é uma prática social, uma forma de interferência na realidade. O que demanda ação, e não passividade, ou apenas observação. Ação diretamente vinculada a valores, desejos, conhecimentos, leitura de mundo, ligado a objetivos, finalidades e escolhas.

ASPECTOS SOCIAIS, PEDAGÓGICOS E MUSICAIS QUE CERCAM O FUNK

O Funk surgiu na década de 1980 no Rio de Janeiro, desde então, tornou-se um fenômeno cultural enraizado nas periferias e frequentemente associado à marginalidade, mesmo que também seja consumido pela classe média (TROTТА, 2016), demonstrando a deslegitimação e os tensionamentos sociais que ele carrega desde o princípio. Alguns autores como Mirian Ferreira (2016), Felipe Trotta (2016), Lázaro Licasalio (2022), Luana Oliveira (2017) e Paulo Coutinho (2021) destacam que o gênero vai além do entretenimento, funcionando como um veículo de expressão para a juventude negra e periférica retratar suas vivências e desafios.

Nesse sentido, a rejeição ao Funk pode ser entendida como parte de um histórico de discriminação contra manifestações culturais de origem negra, assim como ocorreu com o Samba que também enfrentou repressão e preconceito (COUTINHO, 2021). Apesar de seus artistas e público serem frequentemente criminalizados, o Funk mantém forte influência entre jovens, servindo como principal meio de socialização e lazer nas comunidades (LICASALIO, 2022). Do mesmo modo, é aceito em espaços privilegiados quando embranquecido e ocultada sua origem afro-brasileira ao ser interpretado por artistas brancos e mais aceitos pelas classes dominantes (COUTINHO, 2021). Diante desse cenário, o Funk pode ser compreendido como uma síntese de diversos incômodos sociais, condensados e ressignificados pela experiência musical.

No ambiente escolar, o preconceito contra o Funk não se limita ao campo musical ou educacional, mas reflete uma desvalorização mais ampla das expressões culturais ligadas à diáspora negra que excluiu essa população do acesso à educação, saúde e cultura, reforçando desigualdades que ainda permanecem na sociedade brasileira (COUTINHO, 2021). Dessa maneira, esse distanciamento pode dificultar o diálogo entre professores e alunos, uma vez





que os estudantes estão imersos em culturas juvenis marcadas por linguagens próprias, gírias e referências musicais que muitas vezes não são reconhecidas pela instituição (GABRIL, 2021).

Trabalhado nas escolas como instrumento pedagógico, o Funk pode contribuir para aproximar o conteúdo curricular das vivências estudantis, promovendo uma troca de saberes ao legitimar conhecimentos historicamente marginalizados (LICASALIO, 2022). Dessa forma, ao abordar o Funk como expressão cultural brasileira, estamos proporcionando uma educação antirracista ao desafiar estereótipos e preconceitos, além de facilitar o diálogo com os jovens reconhecendo sua realidade.

Os elementos musicais que caracterizam o Funk, são o compasso quaternário com ênfase no primeiro tempo, sua rítmica construída a partir de colcheias pontuadas, semicolcheias e pausas, sendo elementos que podem ser explorados didaticamente para o ensino de ritmo e pulsação. A predominância do canto falado em relação a melodias tradicionais não é um recurso que demonstra ausência de técnica, e sim revela o desempenho performático dos intérpretes que são avaliados por sua entonação rítmica. Sobre esse enfoque, Souza (2019, p. 10-11) pontua:

E embora muitas vezes se faça críticas ao funk e ao rap pela ‘ausência de melodia’ e ‘repetição verbal musical constante’, talvez os funkeiros e rappers façam isso há muito tempo graças à percepção (consciente ou inconsciente) do mesmo fenômeno observado por Diana Deutsch. A autora demonstra que através da repetição passamos até mesmo a ouvir um perfil melódico com notas e intervalos delineados. Esse fenômeno é chamado pela autora de *speech to song ilusion* [‘a ilusão da fala à canção’].

Na educação básica, o funk tem sido utilizado como uma estratégia flexível para abordar conceitos musicais e temas sociais. Nessa perspectiva, Gabriel (2021) relata experiências bem-sucedidas como a criação de paródias de artistas como Anitta para conscientização sobre saúde pública e criação de arranjos com Funk para análise intervalar. Outra concepção é feita por Oliveira (2017), que propõe o uso de faixas como "Deu onda" interpretada pelo MC G15 para discutir politonalismo, sugerindo ainda a comparação com o repertório erudito, confrontando estigmas musicais. Além de explorar a dimensão corporal, Rosa (2018) amplia o enfoque, integrando a origem cultural do gênero, apreciação atenta e elaboração de instrumentos não convencionais em projetos interdisciplinares. Sendo assim,





essas práticas não apenas validam o Funk como linguagem musical legítima, mas também transformam a sala de aula em espaço de representação e troca de saberes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência no PIBID permitiu uma ressignificação da prática docente. Por conta de vivências anteriores marcadas pelo bullying e a tentativa de ingresso na carreira de professora em um ambiente escolar hostil e sem recursos, no primeiro mês surgiram inseguranças. Apesar disso, as incertezas foram se transformando em oportunidades de aprendizado e conexão, possibilitando a criação de vínculos com a comunidade escolar e evidenciando que a docência também é sobre presença e escuta.

Ao observar as aulas da professora supervisora, percebeu-se a estrutura de apreciação, exploração, execução e criação. Essa organização demonstrou a importância do planejamento estratégico para engajar os estudantes. Dessa forma, essa base foi crucial ao planejar a aula com o tema Funk para a turma do quarto ano do Ensino Fundamental I (gênero foi escolhido por sua relevância no cotidiano dos alunos). Levando em consideração o preconceito institucionalizado em torno do ritmo, foi tomada a decisão de esclarecer a abordagem à coordenação da escola que se mostrou solícita e à disposição.

Como resultados, a prática comprovou que trabalhar culturas juvenis na escola é um ato político e pedagógico. Alguns educandos, nessa prática, declararam não gostar do gênero, mas a participação da turma nas atividades de percussão corporal e criação foi praticamente unânime, demonstrando um engajamento positivo e a compreensão do gênero como cultura.

Durante a proposta, foi apresentada a música “Festa na Roça” e um Remix da canção com o ritmo de Funk, os alunos apontaram as diferenças e semelhanças nas duas obras, evidenciando sua capacidade crítica ao comparar as duas versões. No decorrer, ao realizar a percussão corporal do ritmo, batizamos ele de “batida do peito”, um recurso que proporcionou a memória rápida do ritmo realizado.

Contudo, foi perceptível a dificuldade em dividir grupos para uma dinâmica envolvendo pausas e a adaptação da proposta para um estudante com Transtorno do Espectro Autista que estava acompanhado por uma professora AEE⁷, reforçando a necessidade de

⁷ Atendimento Educacional Especializado.





clareza nos comandos e de flexibilidade no planejamento, aprendizados essenciais para a formação docente. Com isso, as situações de inclusão precisam estar sempre em pauta, não só pelo coletivo da escola, como professores, pibidianos e equipe pedagógica, mas principalmente no âmbito das políticas educacionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O PIBID revelou-se como um divisor de águas em minha trajetória acadêmica e profissional, especialmente no ensino público. As carências estruturais e desafios comportamentais despertaram questionamentos sobre minha capacidade de lidar com uma sala de aula. Dessa forma, a docência antes vista apenas como um trabalho inevitável para músicos, passou a ser entendida como espaço de transformação, em que o conteúdo pode dialogar com a realidade dos estudantes.

A aplicação da aula sobre Funk sintetiza essa mudança ao enfrentar preconceitos e valorizar a cultura popular, experimentado na prática a importância de aproximar a escola da realidade estudantil. Nesse sentido, constatou-se que uma boa aula não está na ausência de conflitos, mas na capacidade de adaptação e no respeito às vozes dos alunos.

Além disso, os desafios como a organização dos grupos ou a adaptação de atividades, são aprendizagens para futuros contratempos. Portanto, o projeto mostrou que a docência é um ato coletivo. Sendo assim, a parceria com a professora supervisora, o diálogo com a coordenação e a troca com os alunos reforçaram que ensinar é também aprender e que a música pode ser um meio para discutir identidade, história e resistência.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por financiar o PIBID, a Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) por prestar um ensino de qualidade na qualificação de licenciandos, a Escola de Música e Belas Artes do Paraná





(EMBAP) por dedicar-se na formação de educadores musicais, a coordenadora do subprojeto de música do PIBID Roberta pela dedicação e esforços, ao orientador Jean pela disposição e presença, a professora supervisora Daniele pela recepção e conselhos e a todos os participantes que contribuíram para essa trajetória docente.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Leonardo Moraes. Educação Antirracista e Educação Musical: interações e perspectivas para a educação básica. **Interlúdio**, n. 10, 2018. Disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscador.html?task=detalhes&source=all&id=W2985877304>. Acesso em: 20 jun. 2025.

COUTINHO, Paulo Roberto de Oliveira; ROCHA, Inês de Almeida. “Funk não é música”: faces da diferença, diversidade e discriminação. **Opus**, v. 27 n. 3, p. 1-13, set/dez. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20504/opus2021c2709>. Acesso em: 21 jun. 2025.

FRANÇA, Cecilia Cavaliere. Trilha da música: orientações pedagógicas/Cecilia cavaliere França. - 1ed - Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2013.

FERREIRA, Mirian. Alves. **“Da Perseguida á Pussy”-Reflexões sobre funk e escola**. Dissertação (mestrado em ciências sociais) Setor de relações etnicorraciais, Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, 2016.

GABRIL, Luis Sergio Verísimo. O uso do funk como ferramenta pedagógica em sala de aula. **XXV Congresso Nacional da ABEM**, A educação musical brasileira e a construção de um novo mundo: proposições e ações a partir dos 30 anos de lutas, conquistas e problematizações da ABEM, 2021. Disponível em http://www.abemeducacaomusical.com.br/anais_congresso/v4/papers/768/public/768-3906-1-PB.pdf. Acesso em: 23 jun. 2025.

KRAWCYK, Ana. Carolina; GAGNO, Roberta. Ravaglio; STENTZLER, Márcia. Marlene. Benefícios dos Programas PIBID e Residência Pedagógica para a Formação de Professores na UNESPAR. IN: KRAWCYK, A. C.; GAGNO, R.R.; VIEIRA, L.A.; MACHADO, C. J. **PIBID e RP da UNESPAR: sobre esperar em um período incerto para a docência**. Paranaíba: UNESPAR, 2020. Disponível em: <https://pibid.unespar.edu.br/sobre/livros-pibid/pibid-e-rp-na-unespar-sobre-esperancar-em-um-periodo-incerto-para-a-docencia-1.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2025.





LICASALIO, Lázaro; AGUM, Fernanda. Funk como método pedagógico na Educação Musical. In: **Congresso de Ensino Pesquisa e Extensão-CONEPE**. 2022. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/767494767/funk-como-metodo-pedagogico-na-educacao-musical>. Acesso em: 25 jun. 2025.

OLIVEIRA, Luana; LOUREIRO, Fellipe Sobral. O funk Deu onda: das críticas às possibilidades pedagógicas. In: **XXVII Congresso da Anppom-Campinas/SP**. 2017. Disponível em: https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2017/4927/public/4927-16302-1-PB.pdf. Acesso em: 28 jun. 2025.

ROSA, Renata. Stiehl; BACKES, Lucia Jacinta da Silva; WOLFFENBUTTEL, Cristina. Rolim. “POR QUE NÃO PODE?”: o gênero musical funk como estratégia pedagógica para o ensino de música para crianças dos anos iniciais. **28º Seminário Nacional De Arte E Educação E 9º Encontro De Pesquisa Em Arte**, 26(26), p. 24–32. 2018. Disponível em: <https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/article/view/583/656>. Acesso em: 30 jun. 2025.

SOUZA, Thiago Alves. Estruturas e Sonoridades Afro Latentes no Funk; Jornada de Pesquisa em Arte UNESP PPG IA 2019, 3º edição interacional. Disponível em: https://www.academia.edu/41256878/ESTRUTURAS_E_SONORIDADE_AFRO_LATENTES_NO_FUNK. Acesso em: 15 jun. 2025.

SWANWICK, Keith. **A Basis for Music Education**. Routledge, 1979.

THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo. Cortez Editora, 1986.

TROTTA, Felipe da Costa. O funk no Brasil contemporâneo: uma música que incomoda. **Latin American Research Review**, v. 51, n. 4, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1353/lar.2016.0050>. Acesso em: 10 jun. 2025.

